



CADERNO ORIENTADOR

AVALIAÇÃO PARA AS APRENDIZAGENS

UNIVERSIDADE DO DISTRITO FEDERAL PROFESSOR JORGE AMAURY MAIA NUNES

UNDF

BRASÍLIA, 2024

Governador do Distrito Federal

Ibaneis Rocha Barros Júnior

Universidade do Distrito Federal Professor Jorge Amaury Maia Nunes - UnDF

Reitora Pro Tempore

Simone Pereira Costa Benck

Pró-reitoria de Graduação

Alessandra Edver Mello dos Santos

Pró-reitoria de Desenvolvimento Universitário

Alan Silva Macedo

Diretoria de Avaliação

Caroline Nunes Silva

Gerência de Avaliação Institucional Docente e Discente

Raquel de Alcântara

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
1. TECENDO DIREÇÕES AVALIATIVAS PARA A UNDF	5
2. A CULTURA AVALIATIVA	11
2.1 Estratégias avaliativas	12
2.1.1 Avaliação 360°	12
2.1.2 Autoavaliação	13
2.1.3 Espaços avaliativos: a vez e a voz de todos	14
2.1.4 Instrumentos de avaliação	16
2.1.5 Avaliação Estruturada de Desenvolvimento - AVED	18
2.1.6. Atividades avaliativas transdisciplinares	21
2.1.6.1 Habilidades Profissionais (HP)	22
2.1.6.2 Seminário Integrador	23
2.1.6.3 Produção Acadêmica ou Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	23
2.1.6.4 Projeto Integrador	25
3. O PROCESSO AVALIATIVO NA UNDF	25
3.1 Notas e menções	29
3.2 Frequência	29
4. CONSTRUINDO APRENDIZAGENS	30
4.1 Horário Protegido para Estudo como espaço para intervenção contínua	31
5. AVALIAÇÃO COMO LUGAR DE INCLUSÃO	33
9. AVALIAÇÃO: CAMINHOS QUE NÃO SE ESGOTAM	34

APRESENTAÇÃO

PREZADO (A) LEITOR (A),

O caderno de orientações da “Avaliação para as Aprendizagens” da UnDF tece direções que colaboram para o desenvolvimento de uma cultura avaliativa comprometida com a processualidade da aprendizagem dos sujeitos.

Assim, a proposição de um processo avaliativo sintonizado com as necessidades dos estudantes e orientado para a impulsão de seu desenvolvimento e aprendizagens, abre caminhos para se criar novas zonas de sentido que favoreçam a organização do trabalho pedagógico e despertem um olhar cuidadoso e sensível diante das singularidades que caracterizam os sujeitos.

A proposta é se desprender da rota punitiva e meramente métrica que direciona o processo avaliativo e sair do lugar que pune, inferioriza e desmotiva os estudantes para se propor uma avaliação que promova aprendizagens em todos os aspectos, sejam eles pedagógicos ou institucionais.

Para isso, é primordial compreender a avaliação como um movimento não-linear, fluido e denso que é tecido e implicado pelo desejo de se promover o desenvolvimento humano, sendo construído e constituído à medida que a universidade ganha vida.

A avaliação para as aprendizagens é, portanto, aquela que permite orientar os caminhos da dinâmica pedagógica com vistas a promover o avanço de todos os estudantes, propiciando-lhes oportunidades diversificadas ao identificar suas necessidades e potencialidades específicas. É por meio dessa perspectiva inclusiva no processo avaliativo que o trabalho acadêmico da universidade deve ser planejado e desenvolvido ao longo da formação superior.

Ao se avaliar com base nessas considerações, objetiva-se captar as expressões, a construção do pensamento e do conhecimento, o desenvolvimento do estudante, bem como suas necessidades de aprendizagem e interesses, guias primordiais de orientação do planejamento e das práticas. Desse modo, tanto a avaliação formal como a informal estão a serviço das aprendizagens, pois encorajam docentes e estudantes a avançarem de forma contínua e vigorosa.

No contexto da implantação da Universidade do Distrito Federal, este caderno tem o propósito de apresentar, à comunidade acadêmica, orientações para vivenciarmos uma cultura avaliativa que se faça humanizadora, acolhedora, encorajadora e que promova aprendizagens significativas no Ensino Superior.

Compreender os processos que atravessam a produção de conhecimento dos estudantes é fundamental para que seja possível, aos docentes, traçarem novas estratégias e avancarem em proposições mais assertivas e coerentes com o curso ofertado. Aos estudantes, será de fundamental importância reconhecer-se como parte responsável e atuante em todo esse processo, no sentido de buscar mergulhar e aproveitar as variadas possibilidades apresentadas pelos docentes dos diversos cursos da UnDF.

O desejo é que esse caderno possa contribuir para suscitar novas ideias, propostas e estratégias avaliativas que corroborem a perspectiva de avaliar para promover aprendizagens, crescimento e desenvolvimento de um egresso capaz de atuar de maneira ativa e efetiva na sociedade.

BOA LEITURA!

Diretoria de Avaliação - UnDF

1. TECENDO DIREÇÕES AVALIATIVAS PARA A UNDF

A avaliação para as aprendizagens na UnDF tem por finalidade construir direções formativas e personalizadas para os sujeitos que dela fazem parte. Pensar a avaliação nesse sentido é trazer uma abordagem mais humanista, em que os saberes dos estudantes são considerados e reconhecidos. É, ainda, promover possibilidades para construções que venham potencializar uma formação em que o estudante seja protagonista do seu processo de aprendizagem e atue propositiva e ativamente na sua própria formação, encontrando caminhos criativos que colaborem para a transformação da sua realidade.

Nessa direção, fundamenta-se a avaliação para as aprendizagens, em sua dimensão formativa, como norte de toda a proposta avaliativa da universidade, pois compreende-se que essa é a abordagem que melhor conduzirá os processos de ensino e aprendizagem que serão construídos ao longo de todo o percurso dos cursos.

A avaliação para as aprendizagens manifesta-se no sentido de colher informações, acolher as diferentes formas de se expressar, apreciar e acompanhar o processo de formação dos estudantes, intervir e avaliar o que se ensina e o que se aprende, isso a partir de um olhar cuidadoso e sensível que se dispõe a compreender o sujeito em sua historicidade e a lógica peculiar de produzir conhecimento ao longo de cada acerto ou erro cometidos.

Nessa perspectiva, docentes e estudantes ressignificam esses papéis no processo de ensino-aprendizagem. Ambos produzem conhecimento e organizam a prática pedagógica diante das reais necessidades e singularidades apresentadas nos diversos espaços de aprendizagem. Assim, entende-se que esse movimento é singular, flexível e contínuo. Esses dois sujeitos são constituídos e constituintes no processo formativo, presentes integralmente com suas competências sociais, comunicacionais, emocionais, cognitivas, atitudinais e estéticas. Nesse movimento, ambos constroem saberes e se constituem sujeitos dessa prática do aprender e

ensinar, amadurecendo e desenvolvendo outras competências tão necessárias para o exercício da docência e da aprendizagem.

Richter (2004, p.19 apud Hoffmann, 2007) constrói um pensamento sobre as ações avaliativas que muito colabora com a discussão de compreender sua dimensão formativa como fortalecedora da perspectiva que impulsiona aprendizagens, defendida nesta universidade. Segundo o autor:

É preciso penetrar no **cotidiano dos sujeitos envolvidos** para desvelar os distintos significados e ações que ocorrem em seu interior. O conhecimento teórico confronta-se ou alia-se ao trabalho cotidiano, e esse redimensiona aquele, **numa prática em constante movimento**. Esse processo pode ser capturado por meio de **um fazer e um pensar em contínua reelaboração**. (grifo UnDF).

Nesse sentido, os diferentes tempos da avaliação para as aprendizagens colaboram com a perspectiva de que avaliar é um ciclo permanente que não se finda e que permite diversas retomadas do processo, a qualquer momento de sua vivência. Compreender esses tempos é abraçar a desconstrução de uma lógica linear de que a avaliação deva ser o momento final de toda a aprendizagem.

Portanto, a UnDF, ciente dos desafios de garantir uma avaliação que se articule significativamente com as aprendizagens de maneira perene, dialógica e sistemática, compromete-se com um processo de avaliar como aquele que:

- acontece na perspectiva processual comprometida com o desenvolvimento humano, buscando romper as barreiras do medo, da insegurança, do desprestígio e da inferioridade;
- entende a necessidade de todos serem respeitados em seus espaços de fala e de escuta;
- identifica fragilidades, por meio de feedbacks contínuos dados aos estudantes e recebidos deles, de forma construtiva, propondo sugestões e reorientando caminhos que possibilitem crescimento ou progresso nas aprendizagens;
- dialoga com as potencialidades, favorecendo novos desafios;
- flexibiliza a ação diante dos erros, vendo neles a possibilidade de avançar no percurso formativo, tendo em vista que, na UnDF, o “erro” faz parte do caminho pedagógico, e, quando considerado, pode agir como potencial colaborador no processo de aprendizagem;

- conhece o outro, oportunizando espaços e ambientes que promovam aprendizagens criativas, significativas, contextualizadas e humanizadas;
- pressupõe a construção coletiva, plural, dinâmica, dialógica, que favorece o sentido de pertencimento;
- promove aprendizagens que se relacionam com o cotidiano do estudante, de forma inclusiva, e que façam sentido para a vida.

Essa reflexão sobre avaliação ajuda a compreender a sua dimensão formativa necessária para o desenvolvimento de futuros profissionais, em uma sociedade fluida, complexa, em constante movimento e atualizada, no sentido de estar mais atualizada naquilo que se compromete a realizar. O recurso gráfico abaixo, ilustrativo, busca exemplificar a horizontalidade, flexibilidade e fluidez necessárias para os processos avaliativos que se propõem desenvolver:

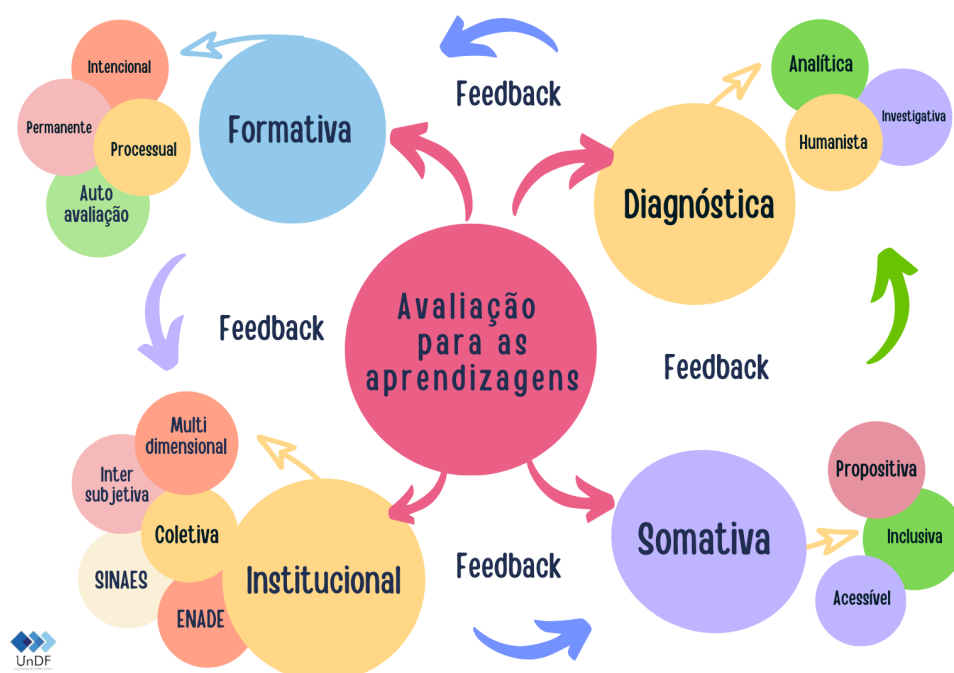


Figura 1: As dimensões da avaliação para as aprendizagens

Fonte: Elaboração própria, 2022.

A avaliação, nos cursos ofertados na UnDF, abraça todas essas dimensões, para que as competências, os objetivos de aprendizagem e as práticas sejam fundamentadas em processos avaliativos que direcionam os estudantes e docentes

a refletirem, de forma responsável, transparente, ética, dialógica, democrática e participativa, a sua própria ação.

Oportunizar novas possibilidades no processo avaliativo, compreendendo sua inserção ao longo de toda a trajetória acadêmica, será essencial para uma prática mais criativa, segura e reflexiva. Nessa direção, a universidade parte da concepção de que a

aprendizagem se constrói num processo equilibrado entre três movimentos principais: **a construção individual** – em que cada estudante percorre seu caminho –; **a grupal** – em que aprendemos com os semelhantes, os pares; e **a orientada**, em que aprendemos com alguém mais experiente, com um especialista, um docente. (MORAN, 2017).

Nesse sentido, o ciclo da avaliação para as aprendizagens compreende momentos que não se esgotam em si, mas que permanecem ao longo de toda a organização do trabalho pedagógico. Destacam-se alguns deles:



Figura 2 - Mapa conceitual da avaliação para as aprendizagens na UnDF

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Os momentos destacados como 1 e 2 na imagem anterior se referem ao planejamento e ao diagnóstico inicial. Esses dois momentos são extremamente

necessários e há uma relação de reciprocidade para se traçar, com clareza, onde se pretende chegar ao final de cada unidade curricular. O diagnóstico inicial retroalimenta o curso da ação pedagógica, favorecendo a adequação do planejamento às necessidades observadas.

Compreende-se que o planejamento deve partir da identificação das competências a serem desenvolvidas no semestre do curso, evidenciando o sentido comum das unidades curriculares desenhadas coletivamente pelos docentes para aquele período e seus objetivos de aprendizagem. Assim, a partir da ideia macro do perfil do egresso que se pretende alcançar, o docente deverá traçar os objetivos específicos de aprendizagem, responsáveis por conduzir parte da caminhada do estudante pelo percurso formativo da unidade curricular. Também se fará necessário definir quais as metodologias e estratégias pedagógicas estarão mais propícias para o desenvolvimento desses objetivos e quais as estratégias avaliativas que serão direcionadas aos estudantes ao longo do semestre letivo.

A Universidade do Distrito Federal compreende que as diversas metodologias propostas, com o foco no processo de ensino-aprendizagem, são coerentes e atuais ao que se propõe desenvolver e, ainda, possibilitam uma formação profissional que contribui para a atuação no mundo do trabalho.

O outro momento, denominado “Diagnóstico Inicial”, será primordial para acolher e conhecer as reais necessidades pedagógicas dos estudantes quanto a sua aprendizagem e ao seu desenvolvimento, desde quando ingressaram no curso. Esse movimento de observação, conhecimento e mapeamento das fragilidades e potencialidades possibilitará, ao docente, direções diferenciadas e até mesmo alterações em sua organização do trabalho pedagógico.

Os demais momentos ilustrados na imagem referem-se à compreensão de que essa organização do trabalho pedagógico não acontece de maneira isolada, pois necessita estar articulada a uma configuração de um currículo que seja:

- integrado, flexível e que evidencie a aprendizagem do estudante;
- real e que consiga abarcar a inter e a transdisciplinaridade, a partir de projetos integradores e transversais;

- motivacional, dialógico e que organize os tempos e espaços para propiciar planejamentos mais contextualizados que possam favorecer a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O sexto momento marca o feedback, que deve ocorrer durante todo o processo formativo, fortalecendo, dessa forma, a metacognição. Ele está diretamente relacionado ao acompanhamento, às intervenções contínuas ao longo do processo e à promoção das aprendizagens, diminuindo, assim, a distância entre o que se sabe e o que se espera saber sobre os conteúdos propostos nos cursos. Ele pode ser compreendido como

um ponto de referência que informa a distância entre o nível atual e o nível de referência de um parâmetro estabelecido pelo currículo; porém, para ser considerado como feedback, ele precisa ser utilizado para reduzir esse distanciamento, do contrário, tornar-se-á inútil. (VILLAS BOAS, 2003).

Compreende-se o feedback como uma colaboração do olhar do outro sobre o processo de aprendizagem e desenvolvimento do estudante. Pode ser usado pelo estudante para orientar, conduzir, direcionar e retomar aspectos sobre a construção de seus conhecimentos ao longo do seu percurso formativo. Por esse motivo, o feedback configura-se como elemento chave para fortalecer e legitimar o processo da avaliação formativa.

O feedback pode ser realizado pelo docente, pelos pares e por outros sujeitos que sejam parte atuante nesse espaço avaliativo do estudante. Ele poderá acontecer oralmente (por meio de conversa informal, de áudios, da avaliação 360°, entre outros) ou por escrito (registros na plataforma virtual, nas atividades propostas ou até em roteiros estruturados). O que vai direcionar essa escolha será o tipo de atividade desenvolvida e a maturidade dos estudantes para compreender a importância desse processo.

Para isso, é importante que o estudante: (i) tenha clareza do que se espera dele; (ii) seja capaz de identificar até onde conseguiu progredir para identificar se esse era o lugar onde deveria chegar, conforme planejamento apresentado ou construído conjuntamente; (iii) leve em consideração todos os feedbacks recebidos

por aqueles que o acompanharam de perto, para que ele consiga evoluir na produção de novos conhecimentos.

Junto ao espaço-tempo do feedback, apresenta-se também os momentos para acompanhamento e recondução de aprendizagens, pois entende-se que, à medida que o docente adquire conhecimento sobre o estudante e sua progressão ao longo da unidade curricular, ele já conseguirá direcionar novos caminhos que favoreçam as aprendizagens, conduzindo o próprio estudante para um amadurecimento do seu percurso acadêmico por meio dos feedbacks recebidos e colocados em prática.

Reitera-se que a prática de realizar feedbacks acontecerá em diversos momentos no desenvolvimento da unidade curricular, não caracterizando um único ciclo de aprendizagem, mas vários ciclos, que podem se encontrar, mas também podem seguir uma ordem própria, de acordo com o que tem sido vivenciado com os estudantes.

Por esse motivo, faz-se necessário o fortalecimento de uma cultura avaliativa que abrace a constituição dos sujeitos que compõem a comunidade acadêmica da UnDF e compreenda a avaliação como um processo encorajador e provocativo das aprendizagens.

2. A CULTURA AVALIATIVA

Na perspectiva da dimensão formativa da avaliação, a cultura avaliativa deve ser desenvolvida em toda a instituição. Para que isso aconteça, é necessário que a avaliação seja pensada em espaços e tempos diferenciados daqueles que só acontecem nas aprendizagens da sala de aula.

A seguir apresentam-se algumas estratégias para que esses momentos sejam oportunizados e vivenciados de forma qualitativa e propositiva a mudanças e tomada de decisões, como é o esperado para um momento de avaliação.

2.1 Estratégias avaliativas

A UnDF compreende o uso dos instrumentos, procedimentos e estratégias de avaliação como ferramentas que podem contribuir e favorecer os espaços de aprendizagem. A intencionalidade com que cada um será proposto é que conduzirá a forma como a avaliação será vivenciada na rotina dos módulos e/ou das unidades curriculares.

Se tomamos a prática de avaliação como um processo, não é possível conceber que o uso de um único instrumento, procedimento e/ou estratégia avaliativa, priorizando uma só oportunidade em que o estudante revele sua aprendizagem, seja suficiente para compreender e acompanhar as suas diferentes aprendizagens.

Por esse motivo, se faz necessário construir propostas de avaliação que oportunizem diversas possibilidades de se avaliar, contemplando ou buscando contemplar os diferentes estilos de aprendizagem e favorecer um espaço de avaliação que promova aprendizagens significativas.

Os instrumentos, procedimentos e estratégias de avaliação serão utilizados como meios para impulsionar o processo de aprendizagem, subsidiando o docente de informações necessárias para compreender se os objetivos de aprendizagem estão sendo alcançados ou não, além de, por meio dos registros, ser possível identificar fragilidades ao longo do desenvolvimento do módulo ou unidade curricular, permitindo, portanto, traçar novas estratégias. Dessa forma, esses instrumentos terão um grande papel no desenvolvimento do projeto pedagógico de cada curso. Eles serão ao mesmo tempo termômetro e bússola para favorecer um processo de aprendizagem fidedigno, significativo e impulsionador.

2.1.1 Avaliação 360°

Uma prática avaliativa relevante na perspectiva formativa é a avaliação 360°. Essa estratégia proporciona que estudantes, docentes e equipe técnico-administrativa sejam avaliados ao mesmo tempo em que também avaliam. Importante ressaltar que, nesse tipo de avaliação, não há atribuição de nota; prioriza-se avaliar os aspectos que dificultaram o avanço da aprendizagem individual

ou de toda a turma, e as possibilidades que foram criadas também individual ou coletivamente, a partir da contribuição de todos.

A avaliação 360° é útil também quando possibilita o olhar do estudante em relação ao que se propõe diariamente nos espaços formativos da universidade, e assim serve para redimensionar o planejamento docente, tornando-o flexível de acordo com as necessidades reais de cada turma. Essa prática, aliada ao feedback, pode proporcionar amadurecimento ao momento de aprendizagem, trazendo enriquecimento, profundidade e direcionamento aos sujeitos envolvidos nesse processo: estudantes e docentes.

Nesse tipo de prática avaliativa, o estudante inicia fazendo uma autoavaliação, explicada no tópico a seguir, avalia os seus pares, o material didático e o docente. O foco será avaliar todo o processo, de maneira que essa ação não se torne um espaço/ tempo para revelação de qualquer rivalidade pessoal, mas institua uma cultura avaliativa saudável que fortaleça o desenvolvimento de aprendizagens ao longo do percurso formativo dos estudantes, dos docentes e da instituição como um todo.

2.1.2 Autoavaliação

Na avaliação formativa, a autoavaliação não assume o papel de autonotação. A autoavaliação desenvolvida na UnDF se apresenta como uma oportunidade de diálogo com os feedbacks recebidos pelos estudantes. Ela oportuniza, ao estudante, a reflexão sobre o seu próprio processo de aprendizagem e está aliada ao feedback, que dará inicialmente o estímulo e as orientações necessárias para que se avance para a autoavaliação. Autoavaliar-se caminha no sentido de superar as limitações inerentes ao processo de aprender.

Essa estratégia pode ser realizada com orientação do docente, inicialmente utilizando um roteiro que direcione o olhar do estudante para os objetivos de aprendizagem traçados para aquele momento, e, aos poucos, de acordo com o compromisso e com a intencionalidade em que essa estratégia for desenvolvida, o estudante conseguirá avançar em seu percurso, fortalecendo, assim, o seu processo de construção de novos conhecimentos.

Importante destacar ainda que toda e qualquer prática avaliativa é um ato negociado, pois anuncia anseios e desejos da parte dos estudantes e dos docentes que precisam ser consentidos e respeitados. Sendo assim, precisa ser antecedida de esclarecimento sobre os critérios de avaliação e dos objetivos de aprendizagem que se pretende alcançar. Ela exige transparência e clareza para que os estudantes consigam estabelecer relações de confiança e conexões com o que está sendo desenvolvido.

2.1.3 Espaços avaliativos: a vez e a voz de todos

É preciso perceber que a avaliação não está relacionada apenas a instrumentos específicos para mensurar a aprendizagem cognitiva, mas também perpassa todo o ambiente institucional e precisa ser vivenciada constantemente como algo natural e orgânico.

Nesse sentido, a proposta é que a instituição promova diversos espaços avaliativos, para além da sala de aula, que oportunizem a expressão do estudante, do docente e de todos os sujeitos envolvidos no processo educacional. A ideia inicial será envolver todos na Universidade em espaços para sugestões e/ou críticas, com *banners*, murais, quadros, formulários online, entre outros recursos/espaços que podem ser pensados com a criatividade e necessidade do momento, e, assim, oportunizar que a voz de todos possa ser ouvida, lida e atendida, considerando a sua pertinência e possibilidades reais. Esses ambientes podem ser pensados de acordo com os módulos, as unidades curriculares e/ou temas de interesse dos estudantes, docentes e servidores da UnDF.

Para oportunizar que esses momentos aconteçam e tenham lugar de escuta ativa, pode-se prever no Plano Interdisciplinar Docente - PID tempos e espaços para a socialização da avaliação e discussão dos cursos, seus módulos e unidades curriculares, bem como o desenvolvimento de atividades que garantam o espaço do diálogo e da construção coletiva da cultura avaliativa da UnDF. Para essa ocasião, faz-se necessário um trabalho articulado com os Centros Interdisciplinares, as Pró-Reitorias, a diretoria de Avaliação e/ou a Comissão Própria de Avaliação, o colegiado do curso, o Núcleo Docente Estruturante e o coordenador de cada curso.

A intenção para o fortalecimento da cultura avaliativa da UnDF será a de

compreender o lugar da avaliação, o espaço dos feedbacks e sua importância; retomar os Projetos Pedagógicos dos Cursos - PPCs; visitar as atividades diversificadas como espaço oportuno para investir em situações que favoreçam as aprendizagens; flexibilizar o currículo de acordo com as necessidades formativas específicas do estudante; refletir e investigar sobre a adaptação/adequação curricular; além de levantar as fragilidades e potencialidades da instituição, dos setores, da estrutura física e do trabalho nela desenvolvido.

Uma possibilidade de estratégia é a roda de conversa. A ideia principal dessa proposta como espaço de avaliação é que sejam promovidos espaços de conversas entre docentes, estudantes e setores da universidade com o objetivo de analisar e refletir sobre as fragilidades já observadas até o momento e traçar novos caminhos de forma coletiva, em que todos os envolvidos assumam responsabilidades e sintam-se pertencentes ao processo de mudança e reorganização necessários, assim como também ressaltar as potencialidades e os acertos da instituição a fim de fortalecer as práticas positivas.

As rodas de conversas são estratégias que fomentam a troca de experiências, a discussão e a reflexão sobre as condições a respeito dos processos de ensino e aprendizagem. A partir delas, é possível levantar temas relevantes sugeridos pelos próprios docentes e estudantes, temas que podem ser estudados, refletidos e debatidos de maneira a contribuir com a construção coletiva da identidade do curso e até mesmo da instituição. Essa estratégia não precisa estar restrita a um curso específico, mas pode unir diversas áreas do conhecimento e setores para que seja possível se pensar propositivamente sobre o tema escolhido para a discussão.

Um ponto importante para se destacar é que, a partir da roda de conversa e das reflexões realizadas, a instituição poderá reunir essas informações de forma a favorecer uma reorganização da parte pedagógica, bem como da estrutura, visando melhor atender as demandas da comunidade acadêmica. E, para além de identificar as fragilidades e potencialidades, as rodas de conversa também se configuram como espaço/tempo para compartilhar, com a comunidade acadêmica, os resultados da avaliação realizada, legitimando esse ambiente de aprendizagem como espaço de voz ativa dos estudantes, docentes e comunidade em geral.

Além de ser um momento reflexivo para a instituição e que servirá como avaliação para redirecionar ações, as rodas de conversas também podem ser vistas como uma formação continuada para os docentes; refletir sobre a própria prática e ouvir como ela impacta os estudantes pode contribuir de maneira significativa na constituição do ser docente da educação superior.

Para Bolzan e Powaczuk (2009),

[...] é possível pensar a aprendizagem da docência como um movimento que se realiza a partir das possibilidades internas e das necessidades externas. Estabelecendo-se um processo entre as potencialidades do sujeito e as exigências da profissão, no qual as interações com colegas e estudantes assumem uma importância fundamental, na medida em que se constituem como elementos fomentadores da aprendizagem docente (p.93).

Dessa forma, é importante considerar que a roda de conversa vai muito além do debate ou de algum momento de exposição dialogada; ela se configura como um tempo/espço dinâmico, leve e que proporciona a construção do conhecimento de forma coletiva, ativa e flexível, com apreciação crítica de diferentes pontos de vista em diversas áreas de formação. Espera-se que essas rodas de conversas aconteçam com frequência, baseando-se nas necessidades identificadas pelos sujeitos envolvidos em todo o processo formativo.

2.1.4 Instrumentos de avaliação

Além das estratégias apresentadas ao longo deste capítulo, seguem abaixo alguns exemplos de instrumentos/procedimentos/formatos que podem ser escolhidos de acordo com a intencionalidade da organização do trabalho pedagógico de cada curso e suas peculiaridades:

- Projetos integradores;
- Portfólios digitais ou impressos;
- Conselhos de classe participativo;
- Mapas conceituais;
- Mostras pedagógicas;
- Método 300;
- Seminários;
- Produção de artigos;

- Pôsteres;
- Eventos científicos;
- Visitas técnicas;
- Pesquisas de campo;
- Estudos de caso;
- Podcasts;
- Oficinas;
- Fóruns síncronos e assíncronos;
- Avaliações interdisciplinares;
- Avaliação interpares;
- Avaliação Estruturada de Desenvolvimento - AvED (Anexo 01)
- AVED da Atividade diversificada (anexo 02);
- Estudos dirigidos;
- Memoriais;
- Fóruns;
- Avaliações escritas;
- Exercícios semanais - AVA ou presencial;
- Situações-problema;
- Exercícios de compreensão;
- Projetos;
- Registros de observação;
- Produção de artigos;
- HPE (espaço para reflexões críticas de leituras; perguntas; relatórios dos estudos realizados; relatórios dos trabalhos de campo; resolução de problemas; síntese de leituras; atividades de recuperação contínua...)
- Podcasts
- Lives
- Vídeos
- Aplicativos de jogos

É importante destacar que os instrumentos/procedimentos/formatos podem ser utilizados em diferentes propostas, sendo elas individuais, coletivas, em formatos online, híbrido, lançando mão da plataforma Moodle ou de maneira presencial. Evidencia-se ainda que o instrumento/procedimento/formato não é estático, pelo contrário, ele precisa promover o movimento do estudante e também do docente, favorecendo o encontro com a produção de conhecimento e de novas elaborações criativas e significativas do processo de ensino e aprendizagem.

Como já descrito ao longo do texto, uma ação isolada não consegue

promover a avaliação para as aprendizagens em sua dimensão formativa. Por esse motivo, faz-se necessário desenvolver uma cultura avaliativa em toda a instituição, não somente ao referir-se à aprendizagem da “sala de aula”, mas aos espaços-tempo da Universidade como um todo.

2.1.5 Avaliação Estruturada de Desenvolvimento - AVED

A UnDF compreende a Avaliação Estruturada de Desenvolvimento - AVED como uma **possibilidade de acompanhamento avaliativo** nas unidades curriculares. Esse instrumento considera a formação integral do estudante, concebendo-o como um sujeito complexo, subjetivo e que precisa se desenvolver amplamente.

A orientação é que a AVED seja realizada em cada dinâmica tutorial para que se consiga acompanhar e promover a evolução do sujeito que aprende. Sua proposta é de um acompanhamento processual e contínuo, em que, a partir dos feedbacks compartilhados aos estudantes, estes possam ter a oportunidade de perceber suas necessidades e reorganizar seu percurso formativo.

A AVED não precisa ser apresentada, na íntegra, após cada dinâmica tutorial vivenciada, ao estudante, mas serve, principalmente, de registro de um acompanhamento feito pelo docente. Para o estudante, no entanto, é muito importante que saiba sua evolução e necessidade, destacadas pelo feedback dado a cada fechamento de situação-problema, no processo, sem que, tampouco, tenha acesso às anotações feitas pelos professores.

A seguir, disponibiliza-se o formato desta avaliação (AvED) como sugestão a ser utilizada nos cursos/unidades curriculares que adotem a Aprendizagem Baseada em Problemas como metodologia na UnDF:

Avaliação Estruturada de Desenvolvimento – AvED da Dinâmica Tutorial	
Aspectos a serem observados na participação de cada estudante nas dinâmicas tutoriais	
A b e r t u r a e F e c h a m e n t o F e c h a m e n t o	QUALIDADE DA DISCUSSÃO
	1. Engaja-se ativamente na proposição quanto aos objetivos de aprendizagem claros, desafiadores e coerentes;
	2. Participa produtivamente das discussões da situação-problema, contribuindo com seus conhecimentos prévios acerca das temáticas destacadas;
	3. Contribui efetivamente com a discussão, trazendo as leituras e análises crítico-reflexivas dos diversos referenciais teóricos, integrando os novos conhecimentos com a situação-problema discutida.
	4. Desenvolve capacidade de liderança, protagonismo e autonomia, desempenhando bem a função que ocupa na DT;
	5. Articula o conhecimento adquirido com seu contexto;
	6. Empenha-se em participar das atividades que acessam uma diversidade de ferramentas digitais, buscando fluência na utilização dos recursos tecnológicos disponibilizados para o curso.
	HABILIDADES PARA O TRABALHO EM EQUIPE
	7. Interage de forma respeitosa e colaborativa/cooperativa com os pares e docente(a);
	8. Analisa, sintetiza e expõe suas ideias e opiniões de forma a contribuir com a construção coletiva das aprendizagens;
	9. Desenvolve uma escuta ativa em que se respeitam opiniões divergentes das suas.
	ANÁLISE/REFLEXÕES SOBRE AS APRENDIZAGENS
10. Realiza a autoavaliação, refletindo criticamente a respeito de suas aprendizagens por meio de identificação de suas potencialidades e fragilidades.	
11. Avalia o processo da dinâmica tutorial, fazendo análise: da qualidade da situação-problema; da contribuição dos pares para o desenvolvimento dela; e da contribuição do docente como facilitador no processo de ensino e aprendizagem;	
12. Considera o <i>feedback</i> do(a) docente para qualificação do seu processo de aprendizagem.	
Conceito da DT	

Assinatura do(a) docente

Fonte: Distrito Federal, 2020, com adaptações

Da mesma forma, sugere-se um formato para registro da avaliação estruturada de desenvolvimento das atividades diversificadas. Essas atividades acontecem ao longo do curso e oportunizam situações de aprendizagem diferenciadas daquelas vividas exclusivamente na ABP. Elas podem ser organizadas a partir das necessidades observadas no desenvolvimento das aprendizagens dos estudantes ou de acordo com o planejamento do grupo de docentes de cada curso.

Além disso, também pode ser apresentada a possibilidade de **atividades diversificadas intercursos**, que promovam o encontro dos estudantes de diferentes áreas e fortaleçam e enriqueçam o espaço das trocas de experiências e vivências. As atividades diversificadas ainda podem ser compreendidas como espaço/tempo para uma **intervenção contínua** de acompanhamento das aprendizagens, favorecendo situações que consigam intervir nas dificuldades, preencher lacunas e/ou trabalhar com as fragilidades observadas no desenvolvimento do curso.

Sugestão de AVED da Atividade Diversificada

Avaliação Estruturada de Desenvolvimento - AvED	
Sugestão de acompanhamento das aprendizagens na ATIVIDADE DIVERSIFICADA	
Atividade diversificada:	Data:
Turma:	Docente:
Aspectos a serem observados na participação de cada estudante:	
Aspectos observados referentes à ORALIDADE	
<ul style="list-style-type: none">● Interage de forma respeitosa e colaborativa com os pares, e docente;● Participa propositivamente para a construção da aprendizagem significativa da turma;● Desenvolve capacidade de protagonismo e autonomia.● Evidencia leitura/estudo/apropriação dos referenciais teóricos disponibilizados ou identificados;● Demonstra o alcance dos objetivos de aprendizagens elencados para a atividade;● Articula o conhecimento adquirido com seu contexto.● Empenha-se em participar das atividades que acessam uma diversidade de ferramentas digitais;● Busca domínio na utilização dos recursos tecnológicos disponibilizados para o curso.	

Aspectos observados referentes à PRODUÇÃO TEXTUAL (Após análise do REGISTRO REFLEXIVO feito pelo estudante)
<ul style="list-style-type: none"> • Apresenta um resumo de como a temática foi abordada na atividade, destacando os aspectos principais que foram tratados; • Revela uma visão crítica do que foi trabalhado, apontando qual(is) a contribuição(ões) da temática para seu percurso formativo; • Avalia sua participação na tutoria, a atuação do docente responsável pela apresentação da temática e os suportes utilizados para esta atividade.
Conceito/pontuação final (média da observação do docente referente às questões relacionadas à oralidade e à produção textual do estudante)
Assinatura do(a) docente

<p>Sugestão de orientação, ao estudante, relacionada à elaboração do Registro Reflexivo:</p> <p>Em, no mínimo, 15 linhas e, no máximo, 25, faça um registro reflexivo da atividade de que participou, apresentando:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Um resumo de como a temática foi abordada na atividade, destacando os aspectos principais que foram tratados; • Uma visão crítica do que foi trabalhado, apontando qual (is) contribuição(ões) da temática para seu percurso formativo; • Uma avaliação de sua participação e da atuação do docente responsável que apresentou a temática e sobre os suportes utilizados para esta atividade.
--

Fonte: Distrito Federal, 2020, com adaptações.

2.1.6. Atividades avaliativas transdisciplinares

As atividades avaliativas transdisciplinares compreendem o processo de formação para além da fragmentação do saber em disciplinas. A proposta que essas

atividades apresentam é ir além do espaço físico da universidade, promovendo um olhar transdisciplinar a tudo o que se vivencia e aprende em cada curso.

As atividades avaliativas integradoras oferecem maneiras diferenciadas, flexíveis e criativas de se enxergar os estudantes em sua diversidade, multiplicidade e complexidade. Ou seja, um olhar para a integração do ser, considerando a sua constante incompletude enquanto sujeito que se constitui ao mesmo tempo em que é constituído pelo contexto social.

Essas possibilidades integram e atravessam o percurso avaliativo dos estudantes ao longo de todo o curso, oportunizando a compreensão da unidade entre teoria e prática e a articulação com o mundo do trabalho. Tais atividades se apresentam de forma a potencializar os demais instrumentos/procedimentos avaliativos e precisam ser vivenciadas de acordo com a especificidade do curso, a saber:

- Habilidades profissionais;
- Seminários integradores;
- Trabalho de Conclusão de Curso ou produção acadêmica; e
- Projeto integrador.

2.1.6.1 Habilidades Profissionais (HP)

A unidade curricular **Habilidades Profissionais** visa à realização de vivências de observação e problematização da realidade de cada curso, por meio de estratégias pedagógicas e/ou de atividades simuladas em sala de aula ou plataformas digitais. Ressalta-se a importância de se compreender o sentido da formação proposta para o semestre para se articular as unidades curriculares, gerando a possibilidade do estudante criar novas zonas de sentido sobre os aspectos teóricos e práticos, produzindo conhecimentos significativos sobre assuntos abordados.

Nesse sentido, o estudante terá a oportunidade de fomentar discussões, refletir, explorar e experimentar habilidades e construir conhecimentos da sua área, vivenciando problemas próprios da experiência prática e condizentes com as competências definidas para cada curso da Universidade do Distrito Federal.

Os ambientes propostos para as práticas, denominados “cenários de aprendizagem”, são espaços físicos e/ou virtuais em que os estudantes possam dialogar, dispor dos saberes construídos, colocando-os em jogo e aprender a lidar com conflitos e tensões gerados pela produção do conhecimento em situações reais de aprendizagem.

Assim, mais do que uma estratégia de aprendizagem, esta unidade curricular tem em vista a busca por caminhos de aprendizado pela experimentação ativa do mundo. Desse modo, a expectativa é de que as vivências nos cenários de aprendizagem e nas atividades de simulação propiciem reflexões sobre as práticas aos estudantes, mantendo relação estreita com as competências do curso, desde o primeiro semestre.

A partir da identificação da relação entre o curso e as necessidades da sociedade, espera-se que as vivências dos estudantes, nesta unidade curricular, possibilitem análises críticas capazes de originar sugestões de aprimoramento das ações na área de cada curso.

2.1.6.2 Seminário Integrador

O **Seminário Integrador** poderá acontecer em articulação às horas práticas dos cursos da UnDF, com o objetivo de tornar públicas as experiências e aprendizagens vivenciadas de forma singular junto às escolas/centros de atuação do estudante.

Além disso, pode estar vinculado às unidades curriculares, ao desenvolvimento de projetos, programas, cursos ou oficinas como extensão, em uma visão processual, ofertando à comunidade espaços formativos na Universidade.

Tendo em vista o seu caráter científico, legitima a pesquisa como uma forma de lançar o estudante para uma formação ainda mais complexa e significativa e fortalece a pesquisa e o espaço de discussão e diálogo nas oportunidades de socialização de seus projetos desde a graduação.

2.1.6.3 Produção Acadêmica ou Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

A Produção Acadêmica ou Trabalho de Conclusão de Curso compreende todo o percurso do curso, resguardando a processualidade do movimento de produção de conhecimento do estudante, convertendo-se em um produto científico que materialize o seu percurso formativo.

Nos cursos da UnDF, as horas práticas (HP, estágios ou projetos desenvolvidos junto à comunidade) serão norteadoras para que a produção acadêmica/TCC seja mais próxima da realidade e do contexto da comunidade em que o estudante estiver inserido, bem como fortalecedoras de sua produção teórica.

Dessa forma, a produção acadêmica/TCC poderá ser construída ao longo da formação do estudante, sendo mais uma maneira dele expressar-se criativamente, com autonomia e autoria de pensamento. Considerando que o conhecimento pode ser construído de diversas maneiras, respeitando os modos singulares de aprendizagem e a personalização a partir do sujeito que o constrói, a produção acadêmica será protagonizada pela escolha do sujeito que aprende, dentro do que é previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais e ainda do que é revelado no Projeto Pedagógico de cada curso.

De acordo com o curso, há a possibilidade do estudante decidir que instrumento melhor representará o conjunto de conhecimentos, práticas e vivências produzidos ao longo de sua formação, com orientação de um docente e fundamentação teórica que sustente suas decisões.

Assim, a produção acadêmica traz essa diversidade das singularidades dos estudantes enriquecida pelas aprendizagens, sentidos e significados produzidos nesse percurso.

A proposta é romper com uma construção do conhecimento científico distante da realidade em que esse estudante irá atuar profissionalmente e limitada diante de concepções e maneiras únicas. Dessa forma, não direcionar um único formato para a produção acadêmica constitui-se como uma proposta que valoriza o protagonismo, a personalização e as singularidades dos processos educativos.

Nesse sentido, a avaliação na perspectiva adotada será aquela que é conectada com o presente e se prospecta para o futuro. A avaliação acontecerá na direção que motiva, encoraja e acolhe o estudante de maneira que ele possa personalizar a sua aprendizagem, encontrando-se nas diferentes trilhas por onde for possível caminhar.

2.1.6.4 Projeto Integrador

Moran (2018) dispõe os projetos integradores como estratégias complexas na integração maior entre áreas de conhecimento e docentes, que podem viabilizar uma relação de ensino-aprendizagem de maneira interdisciplinar e que permite concretizar um currículo integrado.

De caráter interdisciplinar, o Projeto Integrador é constituído de fases e etapas, como um eixo articulador do currículo, por meio de um tema integrador que contribua para a visão do todo durante o percurso do processo formativo do estudante.

Para a consecução do Projeto Integrador como atividade acadêmica articuladora das diversas unidades curriculares que compõem o currículo integrado, torna-se imprescindível garantir a participação efetiva, no projeto, de todos os docentes das unidades curriculares envolvidas no seu desenvolvimento.

Nessa esteira, apresenta-se essa estratégia como uma possibilidade de vivenciar semestral ou anualmente projetos que possam realmente reverberar as aprendizagens desenvolvidas ao longo do período letivo.

3. O PROCESSO AVALIATIVO NA UNDF

Para que seja possível favorecer a avaliação, a UnDF a compreende em três dimensões: avaliação **para** as aprendizagens; avaliação **como** aprendizagem e avaliação **da** aprendizagem (Cortelazzo 2022, p.18).

Assim sendo, a avaliação **para** as aprendizagens será aquela que promove, ao docente e ao estudante, a aproximação e conhecimento de seus progressos, de forma que possam identificar suas fragilidades, analisá-las de maneira frequente e, principalmente, interativa, desafiando-se a superá-las, ao mesmo tempo em que consegue dar tratamento adequado e equânime diante dos seus resultados.

A avaliação **como** aprendizagem é aquela que colabora com a reflexão de todos os setores da avaliação, sejam aqueles que trabalham com a aprendizagem, o docente, o material didático, a instituição de ensino e os pares.

Esse espaço de reflexão é fundamental para que docente e estudante compreendam a importância de identificar o que ainda se encontra como fragilidades, reconhecendo-as como uma possibilidade de reorganizar o seu processo de ensino e aprendizagem. A intencionalidade desse espaço é o de oportunizar uma reflexão sobre o próprio processo de aprender a aprender.

A avaliação formativa contribui para que os estudantes aprendam a aprender, porque os ajuda a desenvolver as estratégias necessárias; coloca ênfase no processo de ensino e aprendizagem, tornando os estudantes participantes desse processo; possibilita a construção de habilidades de autoavaliação e avaliação por colegas; ajuda os estudantes a compreenderem sua própria aprendizagem. Estudantes que constroem ativamente sua compreensão sobre novos conceitos (e não meramente absorvem informações) desenvolvem estratégias que os capacitam a situar novas ideias em contexto mais amplo, têm a oportunidade de julgar a qualidade do seu próprio trabalho e do trabalho dos seus colegas, a partir de objetivos de aprendizagem bem definidos e critérios adequados de avaliação, e estão, ao mesmo tempo, construindo capacidades que facilitarão sua aprendizagem ao longo da vida (VILLAS BOAS, 2006, p. 79).

A avaliação como aprendizagem favorece o desenvolvimento humano, a produção de recursos subjetivos que colaborem para os enfrentamentos vivenciados na formação, a compreensão de seu processo e escolha de outros caminhos. Aprender a refletir o seu próprio processo de aprendizagem é o primeiro passo para compreender o quanto isso pode ser importante na sua constituição acadêmica.

A avaliação **como** aprendizagem complementa a avaliação **para** as aprendizagens e fornece condições suficientes para o docente oportunizar a avaliação **da** aprendizagem, visando priorizar os aspectos qualitativos.

Para que um processo avaliativo ocorra de forma efetiva e significativa, é necessário:

- Apresentar todos os critérios de avaliação aos estudantes de forma ética e transparente desde o início da unidade curricular e deixá-los registrados e explícitos no PID para que o estudante possa consultar sempre que necessário;

- Facilitar a compreensão e reflexão a partir de feedbacks do que se aprendeu e do que ainda não se aprendeu;
- Acontecer ao longo do processo de aprendizagem, e não somente ao final do ciclo para se decidir sobre aprovação ou não do estudante;
- Não se limitar a um único instrumento avaliativo. Para que a nota/conceito do estudante seja realizado de forma justa, equânime e condizente com a sua aprendizagem;
- Oportunizar espaços avaliativos que atendam às diversidades de aprendizagens por meio de estratégias pedagógicas inclusivas e interventivas adequadas às necessidades dos estudantes, evidenciando os aspectos qualitativos em detrimento dos quantitativos.

Além das ações descritas acima, considera-se fundamental que esta instituição consiga compreender e organizar os seus processos avaliativos, respeitando, **preferencialmente**, as observações a seguir para **composição das notas finais**.

- **30%** da **nota final do módulo temático ou unidade curricular** será reservada para **um instrumento/procedimento avaliativo**, de caráter **cumulativo**, entregue/apresentado **ao final do ciclo**. Sugere-se que este seja desenvolvido, preferencialmente, ao longo do módulo/unidade curricular e acompanhado pelo docente;
- **70%** da **nota final do módulo temático ou unidade curricular** será reservada para os diversos **instrumentos/procedimentos avaliativos** realizados **durante o processo** de desenvolvimento do módulo/unidade curricular. Podem-se propor **formatos avaliativos** em que se registrem as observações que os docentes tiveram das aprendizagens evidenciadas pelos estudantes no processo formativo das dinâmicas tutoriais ou de atividades diversificadas, e o resultado da média desses formatos é que comporá os 70% da nota final do módulo/unidade curricular.

Tendo em vista o objetivo de **formação integral** que a UnDF propõe, os formatos avaliativos devem considerar as aprendizagens de diferentes **dimensões: pessoal, interpessoal, social, afetiva, cognitiva**, produzindo registros que informem sobre o processo do desenvolvimento das competências e objetivos de aprendizagem previstos para o módulo/unidade curricular.

O objetivo é que seja uma avaliação que priorize os aspectos qualitativos em todas as suas dimensões, não enfatizando apenas os cognitivos, por assim compreender que o ser humano é integral, e não fragmentado.

Importante destacar ainda que todos os critérios estabelecidos pelo docente para avaliar o estudante devem ser apresentados no início da unidade curricular e/ou módulo. Após a avaliação de todos os critérios apresentados, sugere-se identificar **em que lugar o estudante se encontra nesse percurso das aprendizagens**, evidenciando-se sempre a possibilidade de avanços. Com fins de escrituração, e para registro desse caminho em constante movimento, propõe-se os seguintes conceitos:

Quadro 1: Conceitos utilizados na avaliação para as aprendizagens

CONCEITOS	SIGLA	PONTUAÇÃO	RESULTADO FINAL
Alcançando a Aprendizagem	AA	9,0 – 10,0	Aprovado
Avançando Na Aprendizagem	ANA	7,0 – 8,9	Aprovado
Caminhando na Aprendizagem	CA	6,0 – 6,9	Aprovado
Iniciando a Aprendizagem	IA	0,1 – 5,9	Reprovado
Aprendizagem Não Evidenciada	ANE	0,0	Reprovado

Fonte: UnDF, 2023.

Entende-se que o que se preza é **todo o caminho percorrido**, uma trajetória que respeita às construções das aprendizagens do estudante, que fortalece o desenvolvimento de um trabalho comprometido com a sua promoção constante, que se ancora em uma avaliação em que prevalece uma dimensão formativa que seja encorajadora e de avanços.

Os conceitos aqui apresentados evidenciam a compreensão de que a aprendizagem não é algo estático, mas está em constante movimento.

Compreender o movimento que o estudante está produzindo ao longo do seu processo de aprendizagem é o foco que a perspectiva de avaliação da UnDF assume, entendendo que isso é necessário para vivenciar uma avaliação de fato formativa.

Ressalta-se, portanto, que, nesta instituição, a avaliação visa a **promover a aprendizagem, respeitando os ritmos de cada estudante e contribuindo com o seu avanço ao longo do percurso acadêmico**, por meio dos processos pedagógicos sugeridos neste documento.

3.1 Notas e menções

As notas e menções de todas as atividades avaliativas deverão ser informadas aos estudantes e registradas no Moodle, com seus devidos feedbacks e possíveis encaminhamentos.

A menção final deverá ser cadastrada no SOLIS, conforme orientações da Pró-Rreitoria de Desenvolvimento Universitário - PRODUNI, dentro do prazo estabelecido pela Secretaria Acadêmica Geral- SEAG de até uma semana após a finalização da unidade curricular.

Após a divulgação da nota/conceito de cada atividade avaliativa, o docente responsável deverá discutir, registrar os feedbacks e entregar os instrumentos avaliativos devidamente corrigidos ao estudante. Essa ação precisa ocorrer antes da aplicação do instrumento ou procedimento avaliativo seguinte, de forma que o estudante tenha ciência do seu processo de aprendizagem, potencialidades e fragilidades ao longo da unidade curricular.

3.2 Frequência

Além do acompanhamento do estudante ao longo do processo em sua aprendizagem, o registro da frequência é outro requisito obrigatório para que seja garantida a integralização do curso. Conforme indica legislação própria, a frequência mínima exigida do estudante, para que haja aprovação, é de 75% do total das horas letivas de cada unidade curricular. Compete à secretaria acadêmica geral informar

aos docentes o período para registro da frequência, uma vez que esse critério incide em decisões importantes em outros setores da universidade, como a disponibilização e permanência dos auxílios aos estudantes.

4. CONSTRUINDO APRENDIZAGENS

A coordenação de cada curso, colaborativamente com os docentes, deverá prever ações (estratégias pedagógicas, projetos, programas, adequação de recursos) em seus planejamentos a serem desenvolvidas **ao longo** do processo, visando oportunizar o acompanhamento e a recondução das aprendizagens dos estudantes com dificuldades, lacunas e/ou necessidades específicas de formação.

Essas ações poderão contar com o apoio de outros atores, tais como monitores, estudantes de outros semestres, orientadores de cursos, integrantes do núcleo de apoio ao estudante, e serão constituídas especialmente por:

- I - Revisão de conteúdos;
- II- Atividades, exercícios e adequações curriculares referentes às lacunas/dificuldades e/ou necessidades específicas de aprendizagem;
- III - Estratégias avaliativas inclusivas e interventivas previstas em diferentes instrumentos/procedimentos;
- IV - Outras atividades específicas a serem definidas pelos docentes, conforme necessário.

A forma como essas estratégias de aprendizagem serão (re)conduzidas com os estudantes será decidida pelos docentes envolvidos junto à coordenação do curso. Importante ressaltar que o objetivo maior não é a recuperação da nota para atingir a aprovação no semestre. Mas o intuito é oportunizar um espaço-tempo, ao longo da unidade curricular, para as aprendizagens não alcançadas, compreendendo que todos os estudantes têm o direito de serem atendidos em suas respectivas necessidades.

Aos estudantes que, mesmo desenvolvendo as atividades de recondução de

aprendizagens, **não obtiverem, pelo menos, o conceito Caminhando na Aprendizagem (CA)**, na unidade curricular ou módulo proposto, deverão cursá-la novamente. O coordenador setorial de curso, ou coordenador do centro ao qual o curso está vinculado, na ausência desse, junto ao grupo de docentes do curso, deverá se organizar para re-ofertar a unidade curricular no mesmo semestre letivo (no caso de unidade em módulo com carga horária que seja possível a re-oferta) ou nos semestres seguintes, podendo utilizar-se:

I - do formato presencial, on-line ou híbrido;

II - de período no contraturno do curso;

III - de cursos de verão no período de férias ou recessos escolares;

IV - dos horários livres na rotina do curso.

Atenção: o HPE - Horário Protegido para Estudo - de unidades curriculares em funcionamento não poderá ser utilizado para essa estratégia de re-oferta de unidade curricular.

As atividades deverão ser realizadas na perspectiva da avaliação formativa, remotas e presenciais, visando oportunizar mais um momento de aprendizagem.

4.1 Horário Protegido para Estudo como espaço para intervenção contínua

O Horário Protegido para Estudo - HPE é apresentado, na proposta pedagógica da UnDF, como um espaço e tempo que visa favorecer o desenvolvimento do estudante e a sua produção de conhecimento ao longo do curso. Este é visto como um recurso valioso ao estudante, desde que utilizado de forma intencional e propositiva pelo docente. O Documento Orientador da Organização do Trabalho Pedagógico indica que

o estudante tenha um tempo individual, ou até coletivo, fora do espaço de sala de aula, para subsidiar a pesquisa científica, a leitura, a reflexão, a sistematização dos referenciais teóricos, as produções textuais, o estudo para o alcance dos objetivos de aprendizagem identificados para aquele momento. (BRASÍLIA, 2023, p.37).

Dessa forma, compreende-se o espaço do HPE como uma oportunidade para vivenciar a intervenção contínua, semanalmente, de acordo com as necessidades identificadas pelo docente junto aos estudantes. Ou seja, o estudante não precisará aguardar o final do semestre ou da unidade curricular para descobrir sobre seu desempenho negativo ou ainda que será reprovado. Ao contrário disso, o docente terá a possibilidade de ofertar ao estudante diversas estratégias pedagógicas, presenciais ou não, para um redirecionamento e amadurecimento do percurso formativo dele, em contrapartida o estudante desenvolverá a capacidade de autorregular as suas aprendizagens e gerir o seu tempo de forma qualitativa na produção do conhecimento.

Portanto, o HPE pode ser utilizado como um tempo:

- ❖ em que o docente direciona atividades a um grupo de estudantes, enquanto desenvolve uma proposta mais específica às necessidades apresentadas por outro grupo que não está conseguindo acompanhar e desenvolver-se no módulo ou na unidade curricular;
- ❖ que o docente poderá utilizar para realizar as adequações curriculares imprescindíveis aos estudantes com deficiência, Transtorno do Espectro Autista - TEA, Transtornos Funcionais Específicos - TFE e Altas Habilidades/Superdotação - AH/SD que, porventura, necessitem da utilização de outros recursos e/ou diversidade de estratégias, bem como adequação de tempo, para acompanhamento do módulo ou da unidade curricular;
- ❖ em que o docente poderá dividir a turma em pequenos grupos e orientá-los presencialmente com estudos e explicações específicas, de acordo com suas reais necessidades;
- ❖ em que os próprios estudantes podem formar grupos de estudo, orientados ou não pelo docente, para que consigam trocar ideias, dicas, leituras e materiais didáticos que possam contribuir para a construção dos conhecimentos da turma em seu processo de formação;

O espaço/tempo do HPE poderá ser utilizado como uma política de permanência também do estudante, de acordo com as orientações e as possibilidades que são construídas coletivamente entre docentes e estudantes.

5. AVALIAÇÃO COMO LUGAR DE INCLUSÃO

Para garantir os direitos de aprendizagem de todos os estudantes, é indispensável que o docente tenha a compreensão da necessidade de possíveis adaptações ou adequações curriculares.

Compreende-se por adaptação curricular tudo aquilo que envolve ajuste em métodos, organização curricular, tempo, objetivos e estratégias planejadas para atender as especificidades dos estudantes.

Vê-se que as características principais das adaptações curriculares são: potencializar o investimento de formas diferenciadas de ensinar, promover a produção de um currículo alterável, móvel, que atenda todos os estudantes e atuar na implicação de posturas docentes que questionem o que e como ensinar, como e quando aprender, e como e quando avaliar (SILVA e PAVÃO, 2018).

Dessa forma, a UnDF orienta:

- Adaptação/adequação curricular para **estudantes com** deficiências, transtorno do espectro autista, altas habilidades/superdotação e outros transtornos que apresentam necessidades educacionais específicas - o docente poderá criar, em parceria com os demais docentes do semestre e o núcleo de acessibilidade do estudante (quando houver), um **plano de desenvolvimento acadêmico individualizado**, para que esse estudante tenha os seus direitos garantidos;
- Adaptação/adequação curricular para **os estudantes** que apresentam necessidades educacionais ao longo do percurso de aprendizagem da unidade curricular;
- Adaptação/adequação curricular de acordo com as necessidades educacionais que **a turma** apresentar ao longo da unidade curricular.

Nesse sentido, a inclusão não atende apenas aos estudantes com necessidades específicas educativas, mas se observa e se propõe adaptações curriculares a todos aqueles que apresentarem lacunas de aprendizagem ao longo do curso. A organização do trabalho pedagógico de cada módulo ou unidade

curricular deve ser concebida de forma a considerar a inclusão como um princípio essencial, prevendo a necessidade de flexibilizar e ajustar os conteúdos, a fim de promover uma educação mais acessível e equitativa.

Para que a aprendizagem possa ser conquistada por todos de maneira significativa, será necessário o investimento em diferentes metodologias, com o intuito de proporcionar situações de aprendizagem mais reais, significativas e que consigam oportunizar a construção de conhecimentos levando em consideração os diferentes modos de aprendizagem dos estudantes.

9. AVALIAÇÃO: CAMINHOS QUE NÃO SE ESGOTAM

Pensar e propor a avaliação formativa no processo de implantação da Universidade do Distrito Federal Professor Jorge Amaury Maia Nunes é pensar em caminhos que não se esgotam em si mesmos, mas se constituem ao longo de sua própria história. A avaliação aqui proposta apresenta essa continuidade de um processo que inicia desde o ingresso do estudante e perpassa toda a sua trajetória de vida.

É necessário que toda a comunidade acadêmica seja convidada a compor esse espaço da cultura avaliativa. Uma cultura que foge dos extremos de uma avaliação punitiva e também da ausência de avaliação. Os processos avaliativos fazem parte da constituição do ser humano, mas podem ser vivenciados de maneira formativa, humana e integral, considerando o sujeito como um todo, e, principalmente, como partícipe do processo e pertencente ao espaço em que ocupa.

O objetivo deste caderno foi inspirar docentes e estudantes a compreenderem a avaliação como uma aliada dos seus percursos formativos, com diversas possibilidades de identificar novos caminhos ou retomar outros, levando em consideração a necessidade de cada um, seus tempos, processos e histórias.

A avaliação não se esgota em si mesma, não deve ser entendida como o fim do processo, mas sim, como um movimento fluido, justo e comprometido com a processualidade de quem ensina e de quem aprende.

Sabendo que o compromisso desta universidade é oportunizar aprendizagens significativas para os estudantes que dela fazem parte, encerra-se a contribuição deste caderno orientador, com a certeza de que nele não se esgotam as

possibilidades de estratégias avaliativas formativas, pois entende-se que ele será apenas um instrumento para fomentar outras infinitas possibilidades.

Avaliação é, portanto, uma ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico e cuja energia faz pulsar o planejamento, a proposta pedagógica e a relação entre todos os elementos da ação educativa. Basta pensar que avaliar é agir com base na compreensão do outro, para se entender que ela nutre de forma vigorosa todo o trabalho educativo. Sem uma reflexão séria e valores éticos se perdem os rumos do caminho, a energia, o vigor dos passos em termos da melhoria do processo. (Hoffmann, 2011)

REFERÊNCIAS

BOLZAN, D. P. V; POWACZUK, A. C. H. Docência Universitária: a construção da professoralidade. In _____: Revista Brasileira de Formação de Professores – RBFP. Vol. 1, n. 3, p.90-104, Dezembro/2009

CORTELAZZO, A. L. Organização didático-pedagógica dos cursos com métodos, técnicas e metodologias: metodologias ativas de ensino e aprendizagem. [Projeto “Uma Universidade Distrital”. Termo de colaboração n. 2/2020]. Brasília, DF: CEBRASPE: FAPDF: FUNAB, 2021

DISTRITO FEDERAL. Universidade do Distrito Federal Professor Jorge Amaury Maia Nunes (UnDF). Resolução n. 03, de 12 de maio de 2022. Dispõe sobre o Estatuto da Universidade do Distrito Federal (UnDF). Brasília, DF: DODF, Seção 1, p. 8-13, maio 2022b.

DISTRITO FEDERAL. Universidade do Distrito Federal Professor Jorge Amaury Maia Nunes (UnDF). Plano de Desenvolvimento Institucional. Disponível em: <http://www.universidade.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2023/08/UnDF-PDI-PLANO-DE-DESENVOLVIMENTO-INSTITUCIONAL.pdf> Acesso: 30 Ago. 2023.

DISTRITO FEDERAL. Universidade do Distrito Federal Professor Jorge Amaury Maia Nunes (UnDF). Resolução nº 11, de 02 de junho de 2023. Dispõe sobre a regulamentação das orientações para a Organização do Trabalho Pedagógico da Universidade do Distrito Federal Professor Jorge Amaury Maia Nunes - UnDF. Brasília, DF: DODF, p.10, junho 2023.

DISTRITO FEDERAL. Universidade do Distrito Federal Professor Jorge Amaury Maia Nunes (UnDF). Resolução nº 05, de 13 de janeiro de 2020. Dispõe sobre o processo de avaliação e reavaliação de desempenho do estudante do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública/CSTGP da Escola Superior de Gestão/ESG do Governo do Distrito Federal. Brasília, DF: DODF, Seção 1, Nº 50, p.25 e 26, Março, 2020.

FREIRE, Paulo - Educação como prática da liberdade. Editora Paz e Terra, 1985.

HOFFMANN, Jussara. Jogo do contrário em avaliação. Editora Mediação, 2007.

_____. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

_____ Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

_____. Avaliação Formativa ou Avaliação Mediadora? Porto Alegre, 2011. disponível em:

<https://didaticageraluece.blogspot.com/2011/10/texto-09-avaliacao-formativa-ou.html>

MORAN, José; BACICH, Lilian (orgs.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2017. Disponível em: <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Methodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2022.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. 2018. Disponível em:

https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf

Acesso em: 29 dez.2022.

NETO, Ana Lúcia Gomes Cavalcanti. AQUINO, Josefa de Lima Fernandes. A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM COMO UM ATO AMOROSO: o que o professor pratica? In.: Educação em Revista | Belo Horizonte | v.25 | n.02 | p.223-240| ago. 2009.

SILVA, Mariane Carloto da PAVÃO, Silvia Maria de Oliveira. (Im)Possibilidades das adaptações curriculares na Educação Superior. Revista e-Curriculum, São Paulo, v.16, n.3, p. 621-649 jul./set.2018 e-ISSN: 1809-3876 Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP.

SOUZA, J. V. Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2022-2026: contemplando políticas voltadas para as modalidades presencial e a distância. Brasília, DF: Cebraspe: UnDF, 2022.

VILLAS BOAS, B.M.F. Avaliação formativa e formação de professores: ainda um desafio. Revista linhas críticas, Brasília, v. 12. n. 22, p.75 -90, jan./jun. 2006.

VILLAS BOAS, B. M. F. (2003). Práticas avaliativas no contexto do trabalho pedagógico universitário: formação da cidadania crítica. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, 8(4), 103-120.